



# Gaiato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 12 de Dezembro de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 985 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NATAL

□ Nasceu esta nota num centro comercial do Porto: Profusão de luzes, espelhos, enfeites de Natal, árvore e presépio, abundância de tudo. Apesar do esplendor e beleza, o olhar triste das pessoas!

Porque não sorrimos como as crianças? Ainda há momentos, duas brincavam com as pombas no jardim da Avenida dos Aliados, tão felizes!

Com estes montes de coisas o nosso coração fica mais tris-

te — quando lhe falta o amor aos Outros, o sentido de simplicidade e pobreza do Presépio, a fé em Deus e a esperança na Eternidade.

□ Recebi há pouco uma carta do P.e Duchêne, missionário em África. Conseguiu, fazendo 300 quilómetros de picada, levar um jeep de fuba e feijão a uma aldeia de refugiados. Mal vai chegar um prato de cada para cada família...!

Tenho, bem nítida, a visão das fogueiras; pouco a pouco lumes mortiços na noite escura. Não há Natal na maior parte das aldeias africanas! E onde, é um Natal sem luzes, sem bolos, nem peixe ou carne, sem brinquedos e flores, só farinha com ervas — sem sal!

Graças a Deus que muitas comunidades cristãs da Europa acordaram para esta fome — mas, também, algumas continuam no bailinho de caridade.

□ Não vou ter paz neste Natal... Ainda bem!

Ponho no teu lar (teu presépio, tua árvore, tua chaminé) a minha guerra.

Olha:

Ontem visitei uma família: viúva, uma filha e três filhos. Dois quartos tão pequenos onde só cabe a cama; um cubículo escuro a servir de cozinha. A



Porque não sorrimos como as crianças?

mãe mostrou-me o resto do pingo que uma vizinha lhe tinha dado — e as suas lágrimas.

Vamos todos (prometi) dar-lhe uma ajuda para aumen-

tar a casa e levar o nosso Natal à sua cozinha escura e sem chaminé.

Natal de Presépio!

Mandamento novo!

Padre Telmo

## POBRES

● Tocaram à porta do nosso Lar do Porto. O «Shéu» vai abrir e vem dizer: — «É um senhor». Todos são «senhores». Era já noite e a cidade iluminada começava a ter o encanto da selva adormecida. E era um rapaz — «de 19 anos, ex-recluso, sem emprego, sem família nem casa» — segundo o cartão do pároco da cidade — a pedir ajuda e trabalho.

— «Tenho fé... que não vou voltar a fazer o que fiz, mas queria trabalhar» — respondeu assim a uma pergunta que lhe fiz.

A mãe morreu durante o seu tempo de prisão e os irmãos abandonaram-no... E ele, agora, só, procura...! Motivei-o e dei-lhe uma pequena ajuda. Trabalho é que não lhe pude dar!

Passados dias, voltou, desabafando-me que já ia trabalhar. Mas aquela aragem de desânimo ainda vivia no seu olhar pisado pelo sofrimento. Um jovem! Uma vida já corrida pela aventura! As más companhias, também... E, agora, o olhar fulminante e desconfiado que ele vê sair dos nossos olhos tão frágeis como os dele.

Deixou-me a direcção do seu

trabalho para se sentir ligado ao dever de corresponder à confiança... E lá foi. Oxalá encontre quem o ajude a ser Homem!

● Fui ontem à rua do Freixo ver uma mãe com três filhos pequenos. Vindos de Angola e abandonados aqui pelo pai, vivem num barraco triste sem esperança de mudança. Que burgueses são os nossos coelhos e as nossas galinhas em sua habitação airosa, com água, luz e saneamento! Aquela mãe com três filhos nada disto possui. Não lhe levei nada. Apenas lhe deixei a recuperação da esperança. Se os filhos vierem para nossa Casa, a mãe vai poder trabalhar e deixar para sempre aquele barraco triste. Isto vai ser possível...

Entretanto, só mais isto: Ao lado do barraco, outro barracinho mais novo se ergueu. É um casal jovem que lá vive. Não tinham aonde viver. Então a pobre mãe dos três filhos, sem nada, deu aquele cantinho a quem nada tinha. Que coisa maravilhosa! Quem somos nós, ao pé desta gente requintada

Cont. na 3.ª página

## AQUI, LISBOA!

■ Está a terminar o «Ano Internacional do Deficiente», sendo caso para nos interrogarmos se algo vai mudar, quanto mais não seja no respeito e na consideração devidos às pessoas dos deficientes, nossos irmãos, que embora diferentes são iguais em direitos e não podem ser considerados uns «coitadinhos», expressão que não ajuda ninguém, antes traumatiza e desgosta.

Habitados como estamos a ouvir e a ler coisas muito bonitas, mas inconsequentes, não nos admiraríamos que tudo venha a continuar na mesma. Aqui, como noutros aspectos da vida corrente, importaria antes criar uma mentalidade de compromisso vital do que elaborar dissertações, quiçá bri-

lhantes, e fazer, ainda que pouco, o possível, dentro dos nossos limitados recursos.

Um dos aspectos mais relevantes a considerar será o da formação de gente capaz de acudir às situações presentes, dotada de alma e de competência. A técnica, porém, só por si, nada traz de positivo, se apenas for ocasião para afeirar chorudos ordenados, criando uma mera elite, e não visar séria e capazmente a promoção das pessoas deficientes e a sua integração no meio. A criação de um Instituto ou de uma Escola para os fins apontados, projectada em termos de futuro mas começada em termos de humildade e de realismo, como é próprio das coisas grandes, seria uma exce-

lente iniciativa. Talvez a Igreja pudesse assumi-la numa acção concertada com o Estado e outras Organizações, como tem sido noutros sectores. Seria mais um excelente serviço prestado à Comunidade.

Somos nitidamente contra os megalómanos. Por isso entendemos que mais vale a pena avançar com passos curtos e certos que às correrias desequilibradas, que a nada conduzirão. Vem-nos à mente, a propósito, o deslante de se ter pensado no «melhor Serviço Nacional de Saúde da Europa», quando nos encontramos nos mais baixos escalões de vida do continente, esquecendo que, quase sempre, o

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**CURSO DE SERRALHARIA CIVIL** — Durante vários meses — como tínhamos informado os nossos leitores — teve lugar em nossa Aldeia um curso de serralharia civil, agora encerrado com chave de ouro pelos nossos rapazes, que corresponderam aquilo que se esperava, passando todos no exame final.

A entrega de diplomas — com que se encerrou o curso — foi uma grande festa em que todos se sentiram contentes, pois o futuro apresenta-se mais claro diante dos seus olhos.

Esperamos que cada um saiba aplicar os conhecimentos adquiridos — durante todos estes meses — na vida prática. E tenham boa sorte na sua profissão.

**VISITA DE TRABALHO** — Com vista a adquirir material para um deles defender uma tese em Londres, passaram uns dias em nossa Aldeia um casal de Psicólogos que, pela sua maneira simples de estar connosco, fez nascer entre nós e eles grande amizade.

Prometeram voltar. E cá os esperamos, desejando felicidades para o trabalho.

**EDUCADORES INFANTIS** — Ser inocente e indefeso durante os primeiros anos da sua existência, a criança precisa de ser vigiada e educada para o futuro.

É com este fim que um trio de jovens Educadores Infantís estão entre nós, realizando um trabalho com os nossos «Batatinhas» e algumas crianças dos arredores da nossa Aldeia. Já anteriormente cá estiveram outros estagiários, embora a sua permanência fosse mais curta.

Esperamos que tudo corra bem pois o Manuel, a Teresa e a Zé estarão empenhados em realizar o trabalho o melhor possível.

**VISITANTES** — A nossa Aldeia continua centro de visitas de pessoas amigas que nos trazem roupas, mi-mos, etc.

Esta é uma prova de que não estamos sós, pois há tanta gente que partilha connosco da sua alegria, dos nossos problemas.

Bem hajam e venham sempre.

**FUTEBOL** — Reconhecido como «Desporto-Rei» o Futebol é praticado pelos jovens de todo o mundo.

«Não somos excepção e, como tal, os desafios têm-se realizado no nosso campo, domingo após domingo. E somos convidados por outras equipas.

No dia 29 do mês passado, defrontámos uma equipa da região de Recarei-Sobreira. Sempre aquele convívio amigo que tem caracterizado estes jogos e faz com que, embora derrotados (8-3), pensem em voltar. Cá os esperamos.

**CONJUNTO MUSICAL** — Com a saída de vários rapazes, ligados ao Conjunto Musical, foi necessário substituí-los. Por tal ficou o grupo constituído da seguinte maneira: Bateria, «Chimês»; teclas, Oliveira; viola baixo, Godinho; ritmo, Alexandre; solo Miguel. «Chimês», Oliveira e Alexandre ocuparam os lugares do «Marcelino», «Sete e quinhentos» e Jaime.

Perguntei aos novos elementos quais os projectos para o futuro. Eis a resposta:

— «Somos novos e precisamos de muitos ensaios e apoio para conseguirmos alguma coisa, pois não temos a experiência daqueles que substituímos, mas tentaremos agradar às pessoas amigas que tanto nos ajudaram.»

Perante esta resposta só nos resta desejar-lhes boa sorte e felicidades.

«Régua»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Nas voltas que a gente dá, em proveito dos Outros, consola-nos ver, aqui e ali, moradias que sobem em regime de Auto-construção — com as quais partilhamos. Umaz espasosas, outras menos, todas fruto de enormes sacrifícios: cinto apertado, noites mal dormidas, enfim, o calvário de quem ganha só o pão nosso de cada dia.

Por cada moradia que sobe, fica o País mais rico! Quem duvida?! Pois que havemos de dizer da transformação operada, nesta região, ao longo dos últimos anos, pela Auto-

-construção espontânea!? É que os nossos olhos retêm, ainda, imagens de telhados de colmo, corroído; paredes de pedra sobreposta, por calafetar...

Sim, faltam muitas casas para satisfazer sobretudo os jovens casais que se aninham no lar dos pais... Todavia, se não coarctarem o crédito à Habitação, a face destas terras do Vale do Sousa continuará em transformação — ainda que os meios rurais permaneçam marginalizados no que toca à chamada *habitação social*...

— Para onde vai?, perguntamos.

— Ainda não sabe?!

— Não...

— Comprámos ali um terreno e vamos construir a nossa casa. Ali... Está a ver? Um sítio bonito! A gente precisa é de saúde, graça de Deus e... dinheiro pr'arrancar.

Não era ele, mas ela que assim nos falava. Sachola às costas, ia para o seu lote pela manhã.

— S'a gente for prà frente, poderemos contar com alguma cousa?...

— Mal cheguem ao telhado, apitem.

Os olhos dela riem:

— Ai que bom! Q'ando será?!

A gente não teme... Vamos mas é andar prà frente!

Precisam da Banca, de crédito bonificado. O dinheiro dos particulares é inacessível. Desabafámos, então, só para os nossos botões, dificuldades que aí vêm. Mas se vierem — neste campo — ficaremos ainda mais pobres do que somos!

● Dia da Independência nacional, muito caro a nós outros — raianos — desde criança.

Pelos montes fora, a sinfonia da tesoura de poda, nas vinhas — «Temos d'aproveitar... incanto o Senhor não manda chuva...» O flagelo da seca! Aqui e ali, também, do planalto à encosta, juntas de bois preparam terra para as sementeiras. Mais acima, pastorícia — quadro que se esvai no tempo; ovelhas e cordeiros — mansidão! Aninhada ao sol, a pastora remenda roupa velha e trauteia uma cantiga. E quanto mais para cima, melhor a sinfonia das aves — neste *Verão de S. Martinho* — pois a calma e solidão dos montes, o sol radioso, reforçam os acordes da pas-sarada.

Louvamos o Senhor pelas Suas belezas. E, também, pela ultimação da moradia para aquela mulher que temos referido, cuja satisfação é

proporcional ao andamento da obra.

Estava no coradoiro. O pai às voltas com o poço. Os trolhas a encher paredes a toda a força. Destinámos vidas: caixilharia, instalação eléctrica, soalho, etc. Uma fortuna! E, como estamos no Advento, preparamos o Natal: — Se não fosse Cristo, que seria de nós, de vós?!

Os olhos reflectem a Verdade!

Sim, Cristo fez-Se Homem por amor aos Pobres. É o único Libertador!

● O Secretariado Nacional de Reabilitação editou o «Guia do Deficiente» com 475 páginas elucidativas sobre direitos e regalias do Deficiente. Obra útil a vários níveis, na medida em que somos um País com elevada taxa de analfabetismo, legislação muito dispersa — e ninguém luora com o desconhecimento das leis.

O «Guia do Deficiente» indica os benefícios do Seguro Social: abonos de família e pensões; Serviços de Saúde: cuidados médicos, terapêutica, próteses, tratamento hospitalar e terminal. Refere-se, ainda, ao Trabalho, Educação Especial, Transportes e facilidades fiscais em vários domínios: poupança-habitação, compra de veículos, impostos (do selo, gásóleo, profissional e complementar), isenção de taxas de televisão.

Como nos foi dado saber, pela Imprensa diária, será feito um censo dos Deficientes em todo o País. Lamentamos, porém, não terem aproveitado o último recenseamento da população para o efeito! Seria mais económico, em período de austeridade.

● Ao longo dos dias não faltam problemas a que tenhamos de botar a mão!

São Viúvas com processos de pensões de sobrevivência pendentes, cuja regularização se faz por conta gotas — e assim o tempo vai passando...

São outros por vários assuntos do Seguro Social, também pendentes, e que por serem mais ou menos analfabetos — na generalidade — não conseguem resolvê-los por si próprios.

São ainda os que confessam carência, habituais e/ou ocasionais. Por tudo, por todos, o recoveiro dos Pobres não pode esperar pelo dia de amanhã.

Agora mesmo estive connosco uma mulher d'algures, coração aos pulos, olhos marejados, face ao rubro.

— V. tem de me botar a mão...!

— Diga...

E disse: um longo historial que não revelamos por discreção, por delicadeza. Estava oprimida, esbulhada. Pusemo-nos em campo. Não veio solicitar pão..., mas Justiça. Indicámos rumo certo. E fez-se luz, graças a Deus!

**PARTILHA** — Assinante 19177 com 300\$00 «por alma de meus pais» e um delicado «até ao mês que vem, se Deus quiser». 500\$00 de Artur, depositados no Espelho da Moda. Rua de Arroios, Lisboa, 200\$00.

Passa uma Empregada doméstica, da capital, que partilha há muitos anos com os Pobres e serve com os olhos da alma:

«Mando 200\$00 para os Pobres. Isto está quase a acabar. A minha Senhora espera a morte e eu depois

vou para a minha terra e já não posso mandar. Que Deus nos ajude a todos...»

No entanto, sendo como é uma Mulher de Fé, prolongará, por lá, sua acção — até pela oração.

Parede:

«Envio um cheque com pequena importância para uma ajuda a qual-quer caso premente, por alma de minha querida Irmã. Não é preciso agradecer, pois isto é um dever e não tenham esse incómodo.»

Mais uma presença oportuna de Casconha — Cernache (Coimbra). Outra de Emilia, da Invicta, com 100\$00. Mais 250\$00 de «uma gaiense em Lisboa», exactamente no «mês dedicado a lembrar mais os que nos são queridos».

Oledo, 2.000\$00. Porto, 50\$00: «É muito pouco, mas não posso ser mais generosa porque sou pobre». Um vale de correio de Setúbal — uma «jirma de carinho daquelas pessoas que vos tentam compreender». Por fim, Mensagem do assinante 9790:

«Junto um cheque para a Conferência».

Aproveito para pedir uma oração ao Céu para que Deus nos revista sempre de um grande espírito de Humildade bem sincera, que é fruto autêntico do nosso nada em frente do Senhor, e que nos coloca ao serviço de todos os nossos Irmãos.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## IMPRESSÃO DO CORVO

Em 22 de Novembro (15 dias após o casamento do Manuel António e de Rosa Maria) realizou-se, em nossa Capela, o casamento do Luís e da Conceição que decidiram unir suas vidas através dos divinos laços do Matrimónio. Foi uma festa bem vivida, em que todos procurámos que o dia fosse muito feliz para o novo casal, em todos os aspectos.

No início da cerimónia (tal como tinha acontecido no casamento do Manuel António), o sr. Prior de Miranda disse aos noivos uma palavra de esperança e de gratidão (em nome de todos os catéquistas) pelos bons serviços prestados pelo novo casal na Catequese paroquial.

A cerimónia decorreu normalmente e até o choro-alegre teve papel importante como testemunho de felicidade do casal.

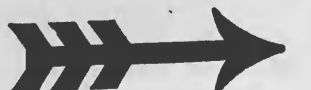
Na boda havia comida e bebida com fartura e julgo que todos ficámos saciados, apesar do ambiente ter sido um pouco apertado.

O Luís veio para a Casa do Gaiato com cerca de 15 anos (se a memória não me traíço). Uma idade em que, geralmente, é difícil uma completa adaptação à nossa vida; mas, apesar de tudo, o Luís adaptou-se perfeitamente.

Uma nota interessante e significativa: a madrinha do Luís foi a sua



A cozinha da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.



# TRIBUNA DE COIMBRA

A primeira presença de hoje é de acção de graças. Acção de graças a Deus pelo filhinho que nasceu àquele casal a quem o Senhor tinha levado uma filhinha que deixou imensas saudades a todos. Deus é mistério e Seus actos são misteriosos, ultrapassam o nosso domínio.

Duas lembranças em cheque de velho amigo, Professor no Luso; 600\$00 e roupa, das crianças de Colégio Infantil da Figueira da Foz; dois mil pelo pároco de Santa Cruz; cheque de Viseu; oferta de Senhora em sua casa; lembrança que Senhora me foi entregar à porta de S. José; cheque a vendedor, em Pombal; cheque de Braga; Senhora que foi levar sua oferta ao nosso Lar; Amigos que aprenderam o caminho do nosso Lar e lá vão levar suas lembranças em dinheiro, em roupas, em mimos; os donos de padaria de Santa Clara (o dono foi há pouco chamado por Deus) telefonam muitas vezes.

Vale de Olivais sul; visitantes de Lisboa; lembrança da festa de confraternização de antigos alunos da Escola Brotero; vale de Lisboa; vale mensal de Vilar Formoso; vale mensal de Amigo de Lisboa; cheque mensal de Amigo de Coimbra; recordação pelo Marido, de Cabeço de Mira; a entrega de muitas cartas da Maria Tereza, da Casa do Castelo: — «Estão ali também muitos embrulhos»; vendedor de Coimbra entrega mil e outros mil em carta; mil a vendedor na Figueira da Foz; lembrança de Professora vizinha; lembrança de Médica de Trancoso; Amigo de Ançã; um dos nossos veio do Porto trazer seu

abraço e cheque; outro veio de Pampilhosa; as cartas da Amiga da Pereira.

Já tínhamos lá Amigos, mas agora têm vindo outros de Cebolais de Cima; visitantes de Verride; cheque e roupas a vendedor de Leiria; assinaturas a vendedores de Coimbra; cheque, vale e cheque de Coimbra; vale de S. Jorge da Batalha; ordenado mensal de mãe da Lousã; lembrança do curso da Escola do Magistério 1954-56; promessa de Tomar; passagem pela caixa do correio em nosso Lar de Coimbra; recordação do Luso; vale de Costa de Castêlões; lembranças de casamento a que fui, a Antes; carta em «acção de graças»; vale de Arganil; «um pedacito de fatia do bolo de Avô», de Mação, e partilha amorosa do mealheiro dos netinhos; visitantes da Figueira; cheque de Coimbra a recordar ao Senhor a «Tia Jesus»;

lembrança de padrinhos de Tondela; mais visitantes.

Os mimos dos Pescadores da Praia de Mira nos meses em que temos lá a casa cheia; mil na praia; mais promessa, lembrança e mão estendida na praia também; Amigo que tem «lá sempre um garrafãozinho de azeite prós seus meninos»; Senhora que todos os anos lá nos procura; fruta, batatas, hortaliça e outras coisas para a nossa cozinha; visita e lembranças de alunas do Colégio da Rainha Santa.

Visitantes de Évora; alguns dos nossos que passaram e nos deixaram seus mimos; vale de Amadora; casal de Leiria nas «Bodas de Ouro». Deus os conserve e lhes dê a alegria de viver e partilhar. Visitantes de Lisboa; visitantes mirandenses a viver agora em Cascais; visitantes portugueses agora estabelecidos no Brasil; lem-

brança em casamento de vizinhos; vale de Mira; Amigo que passou; visitantes de Coimbra; mil e roupas da Lousã; uma carrada de maçãs de um meu parente e grão de bico e feijão de outro; recordação pela sobrinha Suzaninha; muitos «tome lá para seus gaiatos» num curso de sacerdotes na Praia de Mira; grupo visitante de Cacia animou mais aquele domingo; lembranças de funcionária dos CTT de Coimbra; cheque da Figueira; Amigas da Av. dos E. Unidos e da Rua Braancamp, de Lisboa, deixaram suas ofertas; Amigos que muitas vezes encontro na igreja ou à porta de Santa Cruz; casal visitante com dois netinhos; Esposa e familiares vieram recordar bom Amigo que Deus chamou; Amigo de aviário de Santa Clara; mão amiga no Fajão.

Cheque de velha Amiga de Castelo Branco; ofertas na igreja da Pampilhosa; carta de vizinha Amiga; «Flores para meu Marido»; cheque da Covilhã; cheque da Figueira; mil da Sertã, do aumento do orde-

nado do Marido; mil e quinhentos a vendedor, em Castelo Branco; muitas lembranças na minha mão, de Amigos da Covilhã e Castelo Branco; cheque da Mealhada; ofertas entregues ao Chiquito Zé; ofertas ao Toninho; ofertas ao Gilberto; 400\$ a vendedor na Figueira; cheque de «voto a Pai Américo»; familiares de arredores da Figueira vieram recordar seus Mortos; cheque de Eira Pedrinha; cheque de Aveiro; vale de Amiga que fez 70 anos. Deus a conserve em bem.

Toalha e delicadeza de mãos para nosso altar; oferta em Mira; mil na Figueira; castanhas de Trancoso; todas as encomendas que fazemos a Dragão-Dilomit, de Paços de Brandão, vêm sempre com a nota de «grátis». Tudo aquilo de que não sabemos dar conta e que o Pai do Céu tem presente. Só Ele é Senhor e só Ele sabe recompensar. A Ele recomendamos todos os que se recomendam a nós e nos ajudam a caminhar.

Padre Horácio

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

vosso pequeno jornal. Esta resolução tem um fundamento que passo a contar:

Há dias, quando passeava despreocupado na baixa de Lisboa, apareceu-me um dos vossos rapazes a querer vender-me O GAIATO; ainda avancei sem ligar à oferta, para logo dizer para comigo: — Porque não compro eu o jornal? Sim, compra, é da Obra do Padre Américo.

Depois, li-o em casa. E de tal maneira impressionado com o seu conteúdo, simples, desprezioso mas objectivo, que resolvi escrever e pedi-lo, mandando-me dizer o preço da assinatura...

E estas notícias saborosas, oportuníssimas, de uma Professora da capital do Norte?! Ouçam:

«Sou professora e como prenda aos meus alunos na 100.ª Lição sorteel, nas quatro turmas, uma assinatura, por um

ano, do jornal O GAIATO. Aqui vão as direcções...

Deus permita que estes jovens recebam e façam germinar as belas sementes contidas nesse pequenino-grande Mensageiro e saibam, por sua vez, espalhar os frutos que colherem...

Não há dúvida, muitos responsáveis pelo Ensino estão motivando os seus alunos. É trabalho fecundo, promissor. Luz que alumia muitas almas!

Na realidade, a correspondência é tão cheia, tão rica, que nos apeterceria referir mais pormenores — até à exaustão; na medida em que são almas que vibram pela leitura de O GAIATO e vão além de suas casas!

Reigada:

«Assino O GAIATO há muitos anos e há quase 30 espalho a sua leitura por entre jovens amigas de uma localidade onde uma jovem deficiente encontrou nessa leitura alívio, apoio e felicidade. Qual não é a minha alegria ao saber, este ano, que é através da leitura de O GAIATO que os deficientes se reúnem, anualmente, em almoço de confraternização no dia da festa do Monumental, em Lisboa! A pequena tinha um ar de felicidade ao contar-me tudo isto. É ela, agora, o apoio das sobrinhas que estudam em Lisboa, onde tem já um emprego, também. Senti uma das maiores felicidades da minha vida! É bem certo: Deus manda semear, não manda colher. Agora mando-vos mais dois nomes como assinantes do nosso jornal, que é um verdadeiro Evangelho...»

Portimão:

«Nossa Mãe, muito querida, faleceu no dia 1 de Setembro. Ela estimava muito a Obra da Rua. Dois dos seus filhos enviam umas pequenas sobras do seu dinheiro para essa Obra que ela tanto estimava — e nós também estimamos. Se fosse possível, gostaria que me enviassem o vosso jornal para...»

Com terna e dorida recordação da nossa Mãe, cumprimento com muita consideração...

No meio da procissão temos várias listas recheadas de Assinantes, como de Torres Vedras e Ermesinde. Mais deles de Lamego, Moscovide, Almada, Parede, Valadares (Gaia), Aveiro, Coimbra, Feijó, Marco de Canaveses, Caldas de Canaveses, Espinho, Carvalhos, Oliveira de Azemeis, Mogadouro, Montijo, Madalena (Gaia), Meixomil (Paços de Ferreira), Castelo da Maia, Alfena (Ermesinde), Oeiras, S. Pedro da Cova, Valongo, Golegã, Pinhel (Guarda), Paço de Sousa, Santo Tirso, Senhora da Hora, Madalena (Amarante), Borba, Sobrado (Valongo), Santo António dos Cavaleiros, Rio de Moinhos (Borba), Eirol, Lagoa, Monção, Pedrouços (Areosa), Baguim (Rio Tinto), Caldas da Rainha, Vila Nova de Foscoa, Cova da Piedade, Fundão, Souselas (Coimbra), Vila Nova de Famalicão, Murgeira (Mafra), Vila Nova de Gaia, Benguela (Angola) e Johannesburg (África do Sul).

P. S. — O nosso Padre Carlos aproveita todas as oportunidades para divulgar O GAIATO! Agora foi na zona de Almada: mais de 300 novos Assinantes! Aqui vão, embandeirados em arco!

Júlio Mendes

## Pobres

Cont. da 1.ª pág.

no seu amor ao Próximo?! Pequenos, infinitamente!

E lá ouvi, penso que mais uma vez, da boca da esposa do jovem casal: — «Os Pobres é que ajudam os Pobres!»

As Bem-aventuranças, no alto da montanha, ecoam, hoje e sempre...

Padre Moura

própria irmã, o que lhe deve ter dado incalculável alegria.

Este novo casal veio aumentar em mais unidade, o número de casais nossos que vivem na região mirandense, número que já é bem satisfatório.

Desejamos ao Luís e à Conceição muitas felicidades ao longo da vida; que saibam entender-se mutuamente em qualquer hora da vida e encham o seu lar de amor, cuja carência tem destruído milhares de famílias, e até sociedades.

Carlitos

A recepção de novos Assinantes não perde embalagem! É gente de muita banda; de norte a sul do País e além fronteiras. Aonde haja um português, aí está O GAIATO. Não em escarlates, mas no domicílio dos nossos leitores, que inclusivamente irradiam a Mensagem pela roda d'amigos e familiares.

«Peço o favor de considerar como assinante, incluindo o n.º 979, de 19 de Outubro, o médico F. Ele compra O GAIATO de vez em quando, mas eu convenci-o a assinar.»

Fez bem! Os nossos rapazes não distribuem o jornal em Alcanena.

Outros, muitos outros, são motivados também pelos nossos pequenos embaixadores, de rua em rua, de porta em porta, nos grandes centros — felizes! Distribuir O GAIATO com o coração nas mãos, sabendo de antemão a Mensagem de que é porta-voz, não pesa; é alívio, partilha, diálogo.

Escutemos uma voz de Coseilhas (Coimbra):

«Desejo ser assinante do

## Auto-Construção

Os meios de comunicação têm focado, com relevo, a problemática do crédito à habitação e à construção. Trabalhos oportunos e/ou comentários pertinentes, face à terrível carência de 800 ou 900 mil fogos por todo o País.

Não referimos ainda o caso em O GAIATO, com vista à Auto-construção, porque aguardamos uma definição mais correcta do assunto. Todavia, a opinião de qualificado gestor de finanças públicas, e de outros, não dão bom augúrio a próximos investimentos

na habitação própria. Prioridade oficial — nacional — que, segundo os peritos, colide com as actuais disponibilidades financeiras!

Choca-nos este bloqueio à Auto-construção, até porque tem aumentado, significativamente, a corrente de investimentos imobiliários — o que é natural. Exemplo: Quando subiram as primeiras moradias do Património dos Pobres, na década de 50, elas foram grande incentivo para muitos Trabalha-

Cont. na 4.ª página

# Cantinho dos Rapazes

A dignidade do trabalho humano — de todo o trabalho, por mais modesto que se julgue — deriva da dignidade da pessoa que é o seu sujeito.

Este tema que a recente encíclica sublinha insistentemente na sua intenção de doutrinar, toca-nos de perto; e, embora não seja pensamento inédito entre nós, merece a nossa reflexão. Por isso vo-la dedico.

Todos nós conhecemos e muitos de vocês experimentaram o trabalho em que se ocupam os nossos «Batatinhas». Tarefas simples e leves, ao seu alcance, com um certo conteúdo de «jogo», em que eles encontram resposta à sua necessidade de momento e mediante as quais realizam actos verdadeiramente úteis à comunidade. O mesmo acontece com os nossos Doentes do Calvário.

Podemos ser tentados a dizer que se trata de pequenos trabalhos..., dada a facilidade ou leveza que os caracteriza. Mas não são eles engrandecidos pela pequenez dos seus agentes, venha ela da sua pouca idade ou de uma deficiência de saúde ou de faculdades?... A verdade é que realizam um trabalho ordenado e são eles os seus autores.

Daf resulta a alegria sempre inerente ao verbo realizar; daí resulta algo de realização pessoal. Fazendo, fazem-se. Eles são, já, colaboradores no processo universal do **domínio da Terra**. Proporcionada às suas pequeninas forças, experimentam a fadiga em comunhão com todos os homens que trabalham, desde o trabalho duro em esforço físico até o trabalho intelectual e o daqueles «sobre cujos ombros pesa a grave responsabilidade de decisões com vasta ressonância no plano social», também verdadeiramente duro.

Especialmente dignos pela sua inocência e fragilidade, imprimem dignidade ao que fazem. E com o seu labor, acrescentam a sua própria dignidade, pois deles se pode dizer autenticamente que comem o pão com o suor do seu rosto. Por isso o pão que comem é **seu**, de direito; não são pesados; antes contribuintes do Bem-Comum.

Isto que digo dos «Batatinhas» ou dos nossos Doentes como quem toca casos extremos que evidenciam melhor, é claro para todo o homem culto e senhor das suas faculdades físicas e intelectuais.

O Papa diz assim: «Apesar de toda a fadiga que comporta, o trabalho é um bem do Homem. Um **bem árduo**, para usar a palavra de S. Tomás de Aquino; mas um bem. E não só um bem **útil**, mas um bem **digno**, que exprime e aumenta esta dignidade. (...) Porque, mediante o trabalho, o Homem não só transforma a Natureza, adaptando-a às suas próprias necessidades; mas realiza-se também a si mesmo como Homem, torna-se mais Homem.»

O gosto e a dedicação ao trabalho é, pois, uma virtude que, como tal, «faculta ao homem tornar-se bom como Homem».

Contudo, a desordem moral dos homens intronete-se muita vez; e assim, «o trabalho mediante o qual a matéria é nobilitada», (...) «é possível de ser usado de muitas maneiras contra o Homem.» É o que acontece quando se faz dele instrumento cruel de punição como no caso de trabalhos forçados em campos de concentração; ou se utiliza como meio de opressão ou de exploração do trabalhador como sucede na «chaga do desemprego» ou «porque são depreciados o valor do trabalho e os direitos que dele derivam, especialmente o direito ao justo salário e à segurança da pessoa do trabalhador e da sua família»; ou mesmo nas condições frenéticas que um estado de civilização demasiado urbano cria e que atropelam o Homem em muitos e importantes dos seus valores pessoais e familiares.

Quer a maldade positiva dos dois primeiros casos, quer o atropelo que uma desordenada laboriosidade provoca, alertam-nos para a urgência de «unir a **laboriosidade**, com virtude pessoal, com a **ordem social do trabalho**», de tal maneira que por ele o homem se torne realmente mais Homem e jamais se degrade, tanto no desgaste irracional das suas forças físicas (que, pela lei da idade, se irão natural e inevitavelmente desgastando...) como «na diminuição da dignidade e subjectividade que lhe são próprias».

Por isso, a Igreja, que é Mãe, se preocupa em fomentar nos homens o amor ao trabalho e a fidelidade ao seu dever de trabalhar; como se compraz com a solidariedade atenta dos trabalhadores relativamente a todos os problemas que neste campo podem surgir, para que possam ser prevenidos ou remediados a tempo de não ferirem a liberdade e a dignidade do Homem.

Por isso, «Ela se acha vivamente comprometida nesta causa, porque a considera sua missão, seu serviço e prova da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a **Igreja dos Pobres**»; quer dizer: de todos aqueles que vêem violada, por acção ou omissão, a dignidade do seu trabalho.

Padre Carlos

# Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

Óptimo é inimigo do bom e até do suficiente.

Pequenas iniciativas pontuais, desenvolvimento progressivo da cobertura social do deficiente, com regalias adequadas, serão sempre bem-vindas e desejáveis. Há que caminhar, porque a vida assim o exige e as problemáticas postas se renovarão ou surgirão com acentos diversos. Na família, no trabalho, na sociedade, em geral, e nas comunidades cristãs há muitos aspectos a considerar ou a rever.

As vezes, há coisas que, embora parecendo minudências ante a gravidade dos problemas, denotam logo uma mentalidade de espírito ou de acção. Por exemplo: Amigo nosso teve necessidade de se deslocar ao Norte, por via férrea, com a esposa, incapaz, por si só, de se movimentar. Na estação de Santa Apolónia lá apareceu uma cadeira de rodas, embora ferrugenta e toda suja; mas apareceu. Em S. Bento, estação internacional como a primeira, não havia nenhuma. São sinais.

■ Os expostos das ruas de Lisboa continuam a ser um

espectáculo deplorável, seja qual for o plano de abordagem. Os cegos, os paralíticos e as crianças, estas, em regra, espoljadas no chão, são uma acusação permanente à sociedade em que nos integramos. O egoísmo ou a insensibilidade são patentes neste mundo materialista em que vivemos. A exploração dos mais fracos é uma constante de todos os dias, que não se resolve, porém, com meros gritos revolucionários ou demagógicos. Agir com justiça requer empenhamento perseverante e destriça inteligente das situações concretas, ante a proliferação dos abusos e dos expedientes.

■ Numa Casa como a nossa há sempre necessidade de recorrer, por razões óbvias, aos Serviços Médico-Sociais. São as carências à partida, são as questões normais de saúde, as quedas e tudo aquilo que possa imaginar-se. O certo é que, apesar do que escrevemos já, continuamos a pagar as taxas, ainda que chamadas moderadas, relativas às consultas, às análises e às radiografias, enfim, em relação aos serviços a que é preciso remeter os nossos Rapazes. Não está certo.

Será que O GAIATO não é lido pelos Responsáveis? Certamente. Mas não haverá outras vias de fazer conhecer os assuntos aos investidos na «res publica»? Com certeza. Por nós, aqui há meses, já mandámos para o gabinete adequado o nosso Jornal. Vamos fazê-lo de novo. Que nos perdoem a impertinência, já que não queremos ofender ninguém. Mas por ela talvez cheguemos à justa solução...

■ Já aqui dissemos o que pensamos das greves. Um direito, certamente. Mas não arbitrário e sem regras, que nessa altura deixa de ser. Um País que não trabalha é um País a caminho da falência. Aos direitos correspondem deveres.

O esquema de cobertura social está longe de ser satisfatório. Sem dúvida. Mas com as taxas de absentismo existentes, não é possível pensar em termos de justiça social. Cada um governa-se e olha só para os seus interesses, nem que seja a delapidar ou lesar valores comuns. A parcimónia não faz parte da vida das pessoas. As excepções confirmam a regra. Ser rico, ter mais e possuir este Mundo e o outro são constantes do nosso tempo. Os problemas de consciência não se levantam e os resultados estão à vista.

Estamos na época das «pontes», não das que vencem os cursos de água, mas daquelas que representam mais uma oportunidade para nada fazer, sobretudo nos serviços oficiais e afins. É uma autêntica vergonha o que se passa por esse Portugal fora, quer se queira quer não. O trabalho é um direito com o seu concomitante dever. Não se trata, como diriam os matemáticos, de uma função unívoca. Não bastam o absentismo nem os braços caídos, durante as horas destinadas ao serviço; não chegam tão pouco as greves injustas e as ausências consentidas ou de livre alvedrio; nem as férias legítimas e os excessivos feriados, para lá dos dias de descanso a que todos têm direito; há as «pontes»... O melhor seria ficarem todos em casa e receberem, no fim do mês, ou em dia a acordar, a **recompensa** pelas energias dispendidas ou, melhor dizendo, pela fadiga de pouco ou nada se fazer. Pobre Terra a nossa que, a continuar assim, não sabemos onde irá parar.

Júlio Mendes

Padre Luiz



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4500 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Novembro: 49650 exemplares.

## Auto-Construção

Cont. da 3.ª página

dores, até aí despassados de promoção social nos domínios da Habitação. Pai Américo decide, então, **forçar** a doutrina do Património dos Pobres, e conceder «pequenos auxílios» em ordem à reparação ou edificação de moradias em regime de Auto-construção espontânea. A evolução da obra começa logo no início..., pois as obras de Bem motivam outras como **bola de neve!**

As instituições de crédito é natural que **sofram** o peso da **bola de neve**. No entanto, esperamos que não reduzam (drásticamente) ou cortem o crédito bonificado aos Pobres, aos Auto-construtores, já que o País tem os olhos na Europa — no Mundo dito evoluído.

Mas as casas — fruto da Auto-construção — não se levantam **só com dinheiro**... Um **lubrificante** que tarda é a reformulação ou racionalização do processo burocrático que condiciona muito a habitação própria. Não repetimos a **charada** processual, da papelada à imposição de optimizadas infra-estruturas d'ordem urbanística (que deveriam ser a cargo de entidades oficiais), tampouco a falta de loteamentos municipais nos próprios meios rurais.

O grande motor da acção — nos domínios da Auto-construção — é a **barraca**, o monturo, partes de casa, moradias insalubres para seres humanos. Muitos nem têm onde